

Comemoração de Nosso Senhor



Comemoração do Nosso Senhor

Há cerca de 3.600 anos, Israel recebeu instruções para pegar o sangue do cordeiro pascal e colocá-lo nas ombreiras das portas de suas casas — depois, entrar e permanecer lá pelo resto da noite. As instruções dadas aos israelitas eram diretas e fáceis de cumprir.

Isso também aconteceu conosco quando aceitamos Jesus como nosso redentor pessoal e simbolicamente aplicamos o sangue nas ombreiras de nossos corações. Esse foi o início de nossa jornada.

A NOITE DA PÁSCOA

Naquela noite, depois que o cordeiro pascal foi morto e o sangue aplicado nas ombreiras das portas de suas casas, os israelitas entraram em suas casas e fecharam as portas. Agora eles iriam comer o cordeiro pascal depois que ele fosse assado, e todos estavam unidos como uma família nessa tarefa. Eles estavam ilustrando como os irmãos nesta noite da era evangélica são reunidos pelo Cordeiro de Deus e, sob o sangue, participam do cordeiro, apropriando-se do mérito de seu sacrifício. Somos lembrados do Salmo 133, que diz: “ , quão bom e quão agradável é que os irmãos vivam em união!” (Salmo 133:1).

Israel, em suas famílias, reuniu-se naquela noite em comunhão santa, feliz e pacífica.

A parte mais importante dessa cerimônia era a aspersão do sangue nas ombreiras das portas das casas. Isso representava a salvação pelo sangue, que é o fundamento de toda a vida cristã. Jesus, que “pessoalmente levou nossos pecados em seu próprio corpo sobre o madeiro” (1 Pedro 2:24), é o Cordeiro Pascal cujo sangue foi derramado para nos fazerem redimidos. (1 Pedro 1:19). Jesus foi feito “pecado por nós, que não conhecíamos o pecado, para que fôssemos feitos justiça de Deus nele”. (2 Coríntios 5:21). Enquanto Jesus esteve na Terra, ele foi especialmente atencioso com os aflitos, os pobres, os cegos, os mutilados e os leprosos. Toda a humanidade é beneficiária do resgate, independentemente de sua posição na vida. O sangue do Cordeiro torna possível nossa conexão com Deus e uns com os outros. Ele é o centro da unidade.

A NECESSIDADE DE REUNIR

Jesus disse: “Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles.” (Mateus 18:20). Somos reunidos pelo espírito santo, e Cristo é a razão da nossa reunião. Essas reuniões são caracterizadas pela santidade. O espírito santo só pode nos reunir a Cristo. Ele não pode nos reunir a um nome, uma ordenança, um sistema ou uma associação, mas apenas ao Cristo glorificado no céu. É um “pequeno rebanho” que está sendo reunido. Jesus disse: “Se alguém me ama, guardará a minha

palavra.” (Lucas 12:32; João 14:23). A prova do nosso amor por Jesus e por Deus está em fazer as coisas que ele nos ordena em sua palavra. Aqueles que se entregam a Deus e seguem Cristo não devem continuar querendo fazer a sua própria vontade, o que interfere na obra que Deus está fazendo em nós.

Na noite original da Páscoa, quando todas as famílias de Israel estavam reunidas em suas casas, elas se reuniram em torno de um cordeiro assado — um cordeiro que havia sido submetido à ação do fogo. As instruções em Êxodo 12:8,9 são muito explícitas: “Naquela noite comerão a carne assada no fogo, com pães ázimos e ervas amargas. Não comam nada cru, nem ensopado em água, mas assado no fogo; a cabeça com as pernas e com as entranhas”.

O cordeiro assado ilustra como Jesus, o verdadeiro Cordeiro Pascal, se submeteu à ação do fogo — “provações ardentes” durante os três anos e meio de seu ministério. Essa era uma parte tão importante da ilustração que Israel foi instruído a não comê-lo cru ou ensopado em água.

REMOVIMENTO DO FERMENTO

As instruções para comer o cordeiro pascal também se aplicam à nossa participação no maior Cordeiro Pascal. Os israelitas deviam comê-lo com pão sem fermento. O fermento é um símbolo do mal e do pecado. Nunca é usado na Palavra de Deus para simbolizar o que é puro, santo ou bom. A festa que Israel deveria celebrar em conjunto com a Páscoa era chamada de Festa dos Pães Ázimos. Como Êxodo 12:15 instruiu a Israel: “Sete dias comereis

pães ázimos; desde o primeiro dia tirareis o fermento de vossas casas”.

Isso tinha como objetivo ilustrar a separação de Israel do pecado. O apóstolo Paulo nos diz: “Purificai-vos, pois, do fermento velho” (1 Coríntios 5:7). Paulo não diz: “Tentem purificar-se do fermento velho”. Em vez disso, ele é positivo a respeito disso e diz: “Façam isso”. Nossa carne pode interferir nesse programa. Isso foi reconhecido pelo apóstolo quando ele escreveu: “Quero fazer o que é certo, mas não consigo. Quero fazer o que é bom, mas não faço. Não quero fazer o que é errado, mas faço mesmo assim. Mas, se faço o que não quero, não sou eu quem faz o mal, mas o pecado que habita em mim. Assim, descubro esta lei: embora eu queira fazer o bem, o mal está comigo” (Romanos 7:19-21). No entanto, devemos envidar todos os esforços para remover o pecado e o mal.

Israel deveria fazer isso por sete dias. O número sete representa a completude. O cristão deve se livrar do mal de form e e viver em santidade. Deus não pode tolerar o mal em pensamentos, palavras ou ações. Como o apóstolo João nos lembra, falando de Deus: “Se dissermos que temos comunhão com ele e andarmos nas trevas, mentimos e não praticamos a verdade” (1 João 1:6). Mais tarde, ele disse: “Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e a verdade não está em nós” (1 João 1:8). A carne continua a afirmar-se, mas com a graça auxiliadora de Deus podemos mantê-la subjugada. João continua: “Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os

pecados e nos purificar de toda injustiça” (1 João 1:9).

Muitas vezes, somos pegos de surpresa e podemos dizer ou fazer algo errado. Nessas ocasiões, devemos procurar imediatamente nosso advogado, conforme nos lembra João: “Estas coisas vos escrevo, para que não pequeis. E, se alguém pecar, temos um advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o justo” (1 João 2:1). A nova mente que está sendo desenvolvida busca a perfeição. No entanto, o cristão individualmente não pode ser perfeito até receber um novo corpo perfeito. Como diz João: “Sabemos que todo aquele que é nascido [gerado] de Deus não peca” (1 João 5:18). João está nos dizendo que aqueles que foram gerados por Deus não pecam voluntariamente. Eles não têm simpatia pelo pecado. Eles eliminam o fermento velho.

COMENDO O CORDEIRO PASCAL

Os israelitas não foram salvos por comerem pão sem fermento, mas pelo sangue do cordeiro pascal. Da mesma forma, o cristão não é salvo pela santidade prática, mas pelo sangue de Jesus. No entanto, qualquer um que continuar no mal e no pecado, por prática ou por princípio, não terá verdadeira comunhão com Jesus e não desfrutará de sua salvação. Aqueles que recebem os benefícios do resgate e pertencem à assembleia de Deus devem ser santos, mas devem reconhecer que sua salvação é pela graça, e não por sua santidade.

AS ERVAS AMARGAS

O cordeiro pascal devia ser comido com ervas amargas. Estas representam as experiências amargas do povo do Senhor, que estão relacionadas com as experiências de Jesus, representadas no cordeiro assado. “Se sofremos [com ele], também reinaremos com ele” (2 Timóteo 2:12). “É necessário que, passando por muitas tribulações, entremos no reino de Deus” (Atos 14:22). Foi profetizado sobre Jesus: “Ele foi ferido por nossas transgressões, foi moído por nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados” (Isaías 53:5). Não somos sarados por nossa própria santidade.

O apóstolo Paulo, ao falar dos sacrifícios do Tabernáculo, nos diz: “Por isso também Jesus, para santificar o povo com o seu próprio sangue, sofreu fora da porta . Saímos, pois, a ele fora do acampamento, levando o seu opróbrio.” (Hebreus 13:12,13). Assim, devemos comer do cordeiro assado com ervas amargas de provações e tribulações.

Com a ajuda de Deus, somos capazes de crucificar nossa carne (Gálatas 5:24). Assim como o apóstolo Paulo, estamos tentando disciplinar nossos corpos (1 Coríntios 9:27). Devemos fazer isso para poder ouvir as palavras: “Bem feito, servo bom e fiel” (Mateus 25:21).

Ao se alimentarem do cordeiro, os israelitas estavam preparados para uma jornada. Estavam prontos para deixar o Egito. Nunca mais se associariam aos egípcios. Deviam comer apressadamente, com o cajado na mão. Tudo isso representava como nossa

vida deve ser caracterizada por nosso destino futuro como co-herdeiros com Cristo em seu futuro reino. O cajado representava nossa dependência, nosso apoio em Deus para a jornada. Tudo isso foi possível pelo sangue do Cordeiro. Assim como Deus nos uniu em Cristo, Ele também nos guiará em nossa jornada para a terra prometida, a Canaã celestial.

“EM MEMÓRIA DE MIM”

É costume do mundo comemorar os aniversários de seus heróis e grandes personalidades, enquanto a data e as circunstâncias de sua morte são, via de regra, consideravelmente esquecidas. Provavelmente, a principal razão para isso é que as realizações que os tornam grandes se limitam ao tempo em que estão vivos, enquanto a morte põe fim às suas carreiras. Mas, com Jesus, essa ordem das coisas se inverte. É verdade que seu nascimento é lembrado favoravelmente a cada ano por milhões de pessoas, mas suas instruções específicas eram de que seus seguidores comemorassem sua morte. Ele não deixou instruções sobre a celebração de seu nascimento.

Naturalmente, era essencial que Jesus nascesse no mundo como um ser humano para ser o redentor da raça caída, mas foi sua morte que proporcionou a redenção. O principal objetivo da Primeira Vinda do Mestre foi alcançado com sua morte. Sua vida foi inspiradora; seus ensinamentos tiveram efeitos de longo alcance sobre o comportamento humano; seus milagres foram uma bênção para aqueles que se beneficiaram deles; suas profecias forneceram uma

previsão precisa de muitos dos eventos marcantes da época; mas sua missão na Terra teria sido em grande parte em vão, não fosse o fato de sua morte. As realizações de todos os outros homens foram interrompidas pela morte, mas o serviço do mestre expandiu-se para sua maior eficácia por meio da morte.

Esta é, sem dúvida, a razão pela qual é vontade de Deus que o seu povo comemore a morte de Jesus. É de vital importância que tenhamos sempre presente a necessidade da morte de Jesus e o fato de que somente por causa dela temos agora o privilégio de desfrutar da esperança e da vida por meio dele. É importante que nós, como seguidores do mestre, nos lembremos da sua morte, porque as Escrituras nos convidam a morrer com ele. Assim como Jesus, o ministério dos cristãos só é consumado vitoriosamente quando eles completam fielmente sua obra de sacrifício, mesmo que isso signifique a morte. Apocalipses 2:10

DIAS MEMORÁVEIS

Os últimos dias da vida terrena de Jesus foram importantes. Embora ele compreendesse o significado dos eventos que se sucediam em rápida sucessão, seus discípulos eram, em grande parte, incapazes de compreender seu significado. Israel estava totalmente cego para o fato de que a história mais importante de todas as eras estava sendo feita na Judéia. Foi durante aqueles dias dramáticos que Jesus atravessou os portões da cidade de

Jerusalém, apresentando-se a Israel como seu Rei e Messias predito.

Em seguida, expulsou os cambistas do templo. Seus discípulos o questionaram no Monte das Oliveiras, perguntando sobre os sinais da segunda presença e da consumação dos tempos” (Mateus 24:2,3). Ele celebrou a ceia da Páscoa com seus discípulos no cenáculo. Judas negociou para entregá-lo nas mãos perversas de seus inimigos. Houve aquela cena agonizante e e e no Jardim do Getsêmani; a traição que se seguiu; o julgamento perante o sumo sacerdote; a negação de Pedro; o julgamento perante Pilatos e Herodes; a flagelação; a zombaria; e, finalmente, a crucificação. Esses foram os eventos que marcaram os últimos dias do mais nobre benfeitor da humanidade. Para os discípulos, eles significaram, primeiro, grande esperança, depois perplexidade e, finalmente, amarga decepção. Para muitos judeus, esses eventos foram apenas as consequências naturais dos esforços equivocados de um falso pretendente que tentou ser aceito como o Messias prometido de Israel e que foi devidamente tratado pelos governantes “legítimos” de sua época. Somente Jesus compreendeu o que estava ocorrendo, e seu conhecimento contribuiu para sua capacidade de suportar o julgamento e concluir a obra que seu Pai Celestial lhe havia dado para fazer.

O MESTRE DESPREZADO

Jesus nunca foi popular entre os escribas e fariseus. Alguns deles ficaram impressionados com seu comportamento e seus ensinamentos, mas, como

grupo, eles foram hostis a ele desde o início de seu ministério altruísta e nunca perderam uma oportunidade de fazer o que podiam para prejudicar a opinião do povo a seu respeito. Mas muitas pessoas comuns pensavam por si mesmas. Elas gostavam das palavras graciosas que o mestre proferia e concordavam que “nunca homem algum falou como este homem”. João 7:46

Ainda mais convincentes para o público judeu em geral eram os muitos milagres que o mestre realizava. Essas benesses criaram um processo de raciocínio refletido nas palavras do cego que havia sido curado. Ele deu a entender que não compreendia tudo o que envolvia as grandes bênçãos que havia recebido, mas sabia que, embora antes fosse cego, agora podia ver. (João 9:25). Muitos outros eram cegos e agora também podiam ver. Além disso, havia leprosos que haviam sido purificados; aleijados que haviam sido curados; muitos que haviam sido libertos de espíritos malignos; e mortos que haviam sido ressuscitados.

Talvez muito poucos deles fossem capazes de compreender grande parte do que o mestre ensinava, mas sabiam que ele os havia abençoado, e seus parentes e amigos sabiam disso. Portanto, um número considerável de pessoas em Israel era favorável a Jesus e não se deixaria influenciar facilmente pelos escribas e fariseus a se unir a um esforço para tirar sua vida. Acima de tudo, ele era protegido pelo cuidado providencial de seu Pai Celestial, que impedia seus inimigos de realizar seus planos malignos contra ele até que chegasse o

momento certo para que seu sacrifício fosse consumado.

DISCÍPULOS CONVENCIDOS

Enquanto isso, à medida que Jesus andava fazendo o bem e pregando o evangelho do reino, seus discípulos ficavam cada vez mais convencidos de sua posição no plano de Deus. Quando ele os chamou pela primeira vez para segui-lo, eles acreditaram que ele era o Messias prometido. Mas, ao testemunharem seus milagres, ouvirem seus discursos ao povo e sentarem-se a seus pés absorvendo mais plenamente o espírito e a profundidade de suas palavras graciosas, sua confiança deve ter se cristalizado. Não era de se admirar que Pedro expressasse sua disposição de morrer por seu mestre.

No entanto, os discípulos eram homens naturais, ainda não gerados pelo espírito santo; portanto, não estavam preparados para a maneira como o ministério de seu Messias, seu Senhor, seria tão repentinamente concluído. Mesmo a sugestão de Jesus, que poderia pelo menos tê-los alertado até certo ponto sobre o que esperar, provocou aquele vigoroso protesto de Pedro: “Longe de ti, Senhor”. (Mateus 16:22). A resposta de Jesus a Pedro nessa ocasião continha um significado profundo, que só pode ser compreendido e apreciado por aqueles que nasceram do espírito. Ele disse: “Quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; mas quem perder a sua vida por minha causa, achá-la-á”. Mateus 16:25

Como isso deve ter soado estranho aos discípulos! Ainda soa estranho para aqueles que não foram iniciados pelo espírito santo nos segredos do plano de salvação do Pai Celestial. Como alguém poderia salvar sua vida perdendo-a? Jesus fez isso ao perder, ou renunciar, à sua vida terrena em sacrifício. Na ressurreição, ele foi recompensado com a vida divina. Seu sacrifício foi voluntário, mas, uma vez que entrou voluntariamente nessa aliança de sacrifício, sua retirada teria significado a morte eterna. Assim, ele salvou sua vida ao completar fielmente seu sacrifício até a morte.

Ao perder sua vida em sacrifício, Jesus também proporcionou uma oportunidade de salvação para toda a raça de Adão. Não é de se admirar que uma característica do arranjo divino tão extraordinariamente importante como esta, e tão diferente do curso da sabedoria humana caída, deva ser comemorada pelo povo de Deus! Os aspectos práticos e inspiradores da morte do mestre são, por si só, motivos suficientes para comemorar o evento. Nesse aspecto, sua morte foi uma manifestação prática do princípio do amor divino, uma ilustração do que o amor deve e fará em nossas vidas se, como Jesus, formos governados por ele. Se quisermos ser como ele, também devemos entregar nossas vidas — motivados pelo mesmo amor que o levou a perder a vida pelos outros. No entanto, nunca devemos perder de vista o aspecto mais importante do resgate da morte do mestre como redentor do homem.

ACLAMADO COMO REI

Mais tarde, depois que o espírito santo desceu sobre os discípulos que esperavam no Pentecostes, eles compreenderam essas coisas que antes eram totalmente incapazes de entender. Mas, embora não compreendessem tudo o que o mestre lhes dizia, continuaram a segui-lo. Obedecendo às suas instruções, entraram em contato com um de seus amigos, conseguiram um jumentinho e, montado nele, Jesus entrou triunfalmente na cidade de Jerusalém como rei de Israel.

Os discípulos acreditavam que Jesus era o rei de Israel e esperavam que, em algum momento apropriado, tal apresentação de si mesmo fosse certamente necessária. A questão levantada em suas mentes pela conversa do mestre sobre a morte agora seria, pelo menos temporariamente, esquecida. Era assim que as coisas deveriam ser. Jesus era um rei, e era hora de o povo saber disso e ter a oportunidade de aclamá-lo como tal. Agora ele estava dando-lhes essa oportunidade, e eles estavam à altura da ocasião. Os discípulos devem ter pensado que certamente o reino messiânico estava agora próximo!

Então Jesus foi ao templo, curou os doentes que encontrou lá e expulsou os cambistas. Isso harmonizava-se bem com sua entrada majestosa na cidade. O espírito dos discípulos elevou-se ainda mais. Eles manifestaram seu entusiasmo e chamando a atenção de Jesus para as belas pedras com que o Templo havia sido construído. Eles podem

ter tido visões do novo governante de Israel assumindo em breve o magnífico edifício. Mas seu entusiasmo foi rapidamente abafado por Jesus, que observou que chegaria o tempo em que não restaria pedra sobre pedra naquele glorioso Templo. Mateus 24:2

Que choque isso deve ter sido! Evidentemente, porém, isso fez com que os discípulos percebessem que ainda havia muito a aprender sobre o Messias e os planos para o reino messiânico, pois mais tarde os encontramos com Jesus no Monte das Oliveiras, onde o questionam sobre o tempo e as evidências de seu retorno e segunda presença, e o estabelecimento de seu reino.

Eles não tinham uma ideia clara do que suas perguntas realmente implicavam, mas, pelo menos até certo ponto, tinham percebido pelas observações de Jesus que o reino não estava tão próximo quanto supunham. Talvez agora se lembrassem de outras coisas que ele havia dito anteriormente, como a parábola do nobre que foi para um país distante para receber um reino e depois voltou. De qualquer forma, eles queriam saber mais sobre aquilo que percebiam saber tão pouco.

Então perguntaram a Jesus: “Diga-nos, quando serão essas coisas? E qual será o sinal da sua vinda [grego, “parousia” - “presença”] e do fim do mundo [grego, “aion” - “era”]? (Mateus 24:3). A partir dessas perguntas, fica óbvio que os discípulos perceberam, pelo menos vagamente, que Jesus poderia se separar deles por um tempo e retornaria mais tarde para estabelecer seu reino.

A longa resposta do mestre à pergunta deles é uma profecia maravilhosa, não apenas sobre o fim da era, mas também sobre as condições gerais ao longo da era, começando com a queda da política judaica. Mas não há razão para supor que isso tenha esclarecido os discípulos e os preparado para os eventos que estavam imediatamente diante deles e diante de seu mestre. Não era que eles não quisessem saber ou não tentassem aprender. Era simplesmente um caso do homem natural não ser capaz de compreender as coisas do espírito de Deus. 1 Coríntios 2:10-14

O CANTINHO

As mentes dos discípulos estavam agora muito perturbadas. Quando se reuniram na sala superior que havia sido preparada com antecedência para que participassem da Páscoa, era como se o próprio ar estivesse impregnado com uma sensação de tragédia iminente. Jesus deixou claro que um deles estava planejando traí-lo. Então veio um e pergunta suplicante e lamentável: “O mestre, sou eu?” (Mateus 26:25). A nobre dignidade do mestre é vista nessa conexão. Ele sabia, é claro, que Judas era o traidor, mas não fez um discurso inflamado contra ele, em vez disso, continuou a chamá-lo de “amigo” [grego, “camarada”]. Mateus 26:50

Os discípulos tinham muito a aprender sobre o verdadeiro espírito e perspectiva do mestre. Seu ponto de vista era totalmente humano e, em grande parte, baseado no interesse próprio. Eles se deleitavam em pensar na glória que seria deles

quando associados a Jesus em seu reino. Eles pensavam nisso naquela sala superior e discutiam entre si sobre quem seria o maior. Isso deu a Jesus mais uma oportunidade de exemplificar sua humildade, bem como sua grande paixão pelo serviço. Ele lavou os pés deles e explicou que aquele que fosse o maior entre eles seria o servo de todos.

Então surgiu aquela estranha pergunta sobre a posse de espadas. Jesus queria saber quantas espadas seus discípulos possuíam. Tendo certeza de que havia duas espadas no grupo, Jesus explicou que elas eram suficientes. (Lucas 22:38) Talvez essa pergunta não fosse tão estranha para os discípulos de Jesus naquela época quanto pode ser para nós agora. Aprendemos a pensar nele como o Príncipe da Paz e um pacifista. E, de fato, ele era isso, pois mais tarde ficou claro que ele não permitiria que aquelas espadas fossem usadas em sua defesa.

Por que, então, ele perguntou aos seus discípulos se possuíam espadas? Agora sabemos que ele estava planejando uma demonstração de sua não resistência à prisão. Pedro possuía uma das duas espadas e mais tarde tentou usá-la para impedir a prisão do seu mestre. Isso deu a Jesus uma oportunidade maravilhosa de provar que ele estava se entregando voluntariamente para ser crucificado. Além disso, ao curar a orelha do servo do sumo sacerdote, que Pedro havia cortado com o uso imprudente de sua espada, Jesus demonstrou que não desejava que ninguém sofresse por sua causa, mesmo estando prestes a sofrer e morrer por toda a humanidade.

O PÃO E O CÁLICE

Jesus e seus discípulos estavam no cenáculo para comer a ceia da Páscoa no décimo quarto dia do primeiro mês de Israel, Nisan. Era a comemoração anual daquela noite memorável no Egito, quando o sangue do primeiro cordeiro pascal foi aspergido sobre as ombreiras e os batentes das portas das casas, e quando os israelitas comeram a Páscoa em segurança, enquanto os primogênitos do Egito morriam. Êxodo 12:1-14

Deus queria que seu povo se lembrasse da grande libertação que foi realizada em conexão com aquela primeira Páscoa, então ele ordenou aos israelitas que a comemorassem a cada ano. Mas ainda mais importante do que sua lição objetiva para Israel, aquele cordeiro pascal apontava para o sacrifício muito mais importante do “Cordeiro de Deus”, que tiraria o pecado do mundo. (João 1:29). Jesus era esse Cordeiro e, com seus discípulos, comemorou pela última vez o sacrifício do cordeiro pascal típico, do qual ele seria a realidade.

Foi no final desta festa da Páscoa que Jesus instituiu uma nova cerimônia para seus seguidores. Ele explicou que o pão representava seu corpo quebrado e que o fruto da videira representava seu sangue derramado. Então, ele pediu a seus discípulos que participassem disso, explicando que, se continuassem a fazê-lo, estariam proclamando sua morte. (1 Coríntios 11:23-26). Foi um serviço simples que o mestre instituiu — apenas beber do cálice e partir e comer juntos o pão sem fermento. Não se

destinava a ser uma continuação da ceia da Páscoa numa nova forma, mas a comemoração do sacrifício do verdadeiro Cordeiro Pascal, Jesus, o Salvador do mundo.

É duvidoso que os discípulos naquela época tenham compreendido muito do que Jesus lhes disse a respeito do pão e do cálice. Eles não perceberam então que era necessário que Jesus morresse para que eles pudessem ter vida e desfrutar do privilégio de reinar com ele. Eles não compreenderam que seu reino estaria muito aquém de proporcionar as bênçãos prometidas por Deus, a menos que fosse encontrada uma maneira de anular a sentença de morte, que estava enviando toda a humanidade para a sepultura.

Eles eram ainda mais ignorantes quanto ao fato de que, para viverem e reinarem com Cristo, seria necessário que sofressem e morressem com ele. O pão e o vinho, no entanto, representavam um privilégio adicional para todos os verdadeiros seguidores de Cristo. Recebemos as bênçãos da vida proporcionadas por seu corpo quebrado e seu sangue derramado, e também temos o privilégio de seguir seus passos de sacrifício e serviço. Que comunhão abençoada, ou irmandade, é a nossa. 1 Coríntios 10:16,17

ELES CANTARAM UM HINO E SAÍRAM

O relato indica que, depois que Jesus instituiu a comemoração da sua morte, eles imediatamente deixaram o cenáculo e seguiram para o Getsêmani. O coração do mestre estava muito cheio e os

discípulos estavam muito cansados para permanecerem para mais discussões. Houve alguma conversa enquanto caminhavam lentamente para fora da cidade em direção ao Jardim. Foi então que Pedro afirmou sua disposição de morrer por seu mestre e disse que faria isso mesmo que todos os outros o abandonassem. E Pedro falava sério com todo o seu coração, como demonstrou mais tarde em sua vida.

Ao entrar no Jardim do Getsêmani, Jesus convidou Pedro, Tiago e João para se afastarem e vigiarem com ele. Ele pensou que eles estariam dispostos a orar com ele, mas eles não conseguiram. Ele se afastou ainda mais para orar. “Se for possível, passe de mim este cálice”, foi seu apelo ao Pai, “contudo, não seja como eu quero, mas como tu queres”. (Mateus 26:39). Não devemos supor que Jesus, mesmo que por um momento, tenha alimentado o desejo de violar sua aliança de sacrifício. Ele sabia que era a vontade do Pai que ele morresse e estava determinado a cumprir essa vontade.

Talvez o mestre não tivesse percebido completamente até aquele momento que sua morte seria realizada de maneira tão ignominiosa, que ele seria acusado de blasfêmia e traição. Para alguém que não tinha feito nada além do bem, que honrava seu Pai Celestial em cada pensamento, palavra e ação, essas eram acusações dolorosas. Ele estava feliz em morrer como o redentor do mundo, mas seria a vontade do Pai que ele também sofresse dessas outras maneiras? Era, e, certo disso, Jesus estava calmo e contente.

É-nos dito que Jesus estava preocupado e foi ouvido por sua devoção (Hebreus 5:7). Não devemos supor que ele temia a morte. Mas deve ser lembrado com e e que o mestre arriscou sua própria existência quando fez a aliança de sacrifício com seu Pai (Salmo 50:5). Se ele não tivesse sido fiel, não haveria a ressurreição para ele. Era, portanto, a morte eterna que o preocupava e, sem dúvida, foi por isso que ele foi consolado, tendo a certeza de que seu Pai ainda estava “muito satisfeito” com ele (Mateus 3:17; João 12:27,32). Abençoado com essa certeza, Jesus resignou-se a toda a ignomínia e vergonha que tão injustamente lhe foram impostas.

No que diz respeito à ajuda humana, o mestre teve muito pouca durante as últimas horas de sua vida terrena. Isso não foi porque seus discípulos fossem indiferentes. Pedro, Tiago e João pareciam ser os mais próximos dele, e Pedro certamente provou sua disposição em ajudar. Mas esses homens de mente natural eram totalmente incapazes de compreender a provação pela qual o mestre estava passando. No entanto, onde o braço da carne falhou, o Pai Celestial sustentou e deu conforto. Jesus estava tão confiante de que seu Pai estava sempre perto e pronto para ajudar que disse a Pedro que, se ele desejasse, poderia pedir-lhe a proteção de doze legiões de anjos e o pedido seria atendido. Mateus 26:53

O FILHO DE DEUS

Saindo do Getsêmani, Jesus e os discípulos encontraram a multidão que havia saído da cidade para prendê-lo, aquele que estava destinado a ser o

Rei dos reis. O mestre se entregou voluntariamente, dizendo aos líderes da multidão que ele era aquele que eles procuravam. Houve o beijo traidor de Judas, o esforço corajoso, embora imprudente, de Pedro para resgatar seu mestre de seus inimigos, e então ele foi levado às pressas para o tribunal para ser interrogado pelo Sumo Sacerdote.

O sumo sacerdote Caifás perguntou a Jesus: “Você é o Cristo, o Filho do Bendito?” (Mateus 26:57,63; Marcos 14:61). Jesus respondeu: “Você mesmo disse”, sabendo que essa resposta, aos olhos do sumo sacerdote, o sujeitaria à pena de morte (Mateus 26:64). Desde o início de seu ministério, o mestre foi desafiado sobre a questão de ser o Filho de Deus. Satanás disse-lhe: “Se tu és o Filho de Deus, lança-te da cobertura do templo” (Mateus 4:5,6). Jesus sabia que era o Filho de Deus. Para ele, não havia dúvida a ser removida por qualquer demonstração espetacular como Satanás sugeriu. Quando foi batizado, recebeu a garantia de sua filiação quando a voz de Deus foi ouvida dizendo: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo”. Mateus 3:17

Vários meses antes de o sumo sacerdote levantar essa questão novamente naquela última noite memorável do ministério terreno do mestre, ele havia recebido uma garantia semelhante de sua filiação. Isso aconteceu no Monte da Transfiguração, quando novamente ouviu aquelas palavras animadoras: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo; ouvi-o”. (Mateus 17:5). O Pai Celestial tem meios maravilhosos de preparar seu povo para as

provações, e que fortaleza essa nova garantia deve ter dado a Jesus quando mais tarde ele se apresentou diante daquele sumo sacerdote invejoso e preconceituoso que lhe perguntou se ele era o Filho de Deus. Na mente de Jesus, não havia dúvida sobre sua filiação e, sabendo qual seria o resultado, ele afirmou a verdade. Não é fácil permanecer firme na verdade quando isso significa a morte; mas Jesus o fez e, com isso, nos deixou um exemplo para que sigamos seus passos.

Jesus, O REI

Finalmente, o mestre foi levado perante Pilatos. Como representante de César, Pilatos não estava interessado nas acusações religiosas que os judeus haviam feito contra Jesus. Eles sabiam muito bem disso, então acusaram-no de que o mestre afirmava ser um rei. Se isso fosse verdade, significaria para Pilatos que Jesus era um rival em potencial de César e, por essa razão, teria que ser condenado à morte.

O preconceito religioso cega as pessoas para a verdade e as impede de fazer uma avaliação adequada das virtudes e dos pecados dos outros. Pilatos não tinha preconceito religioso contra o mestre; portanto, após examinar o caso, descobriu que as acusações contra ele não tinham fundamento na realidade. Na sua opinião, mesmo que Jesus afirmasse ser um rei, isso era apenas um conceito religioso que, em nenhum sentido real, o tornava um candidato ao trono romano. Pilatos, portanto, desejava libertar o mestre; mas a multidão enfurecida e cega pelo preconceito não lhe permitiu fazê-lo.

Jesus reconheceu a Pilatos que os judeus estavam certos ao dizer que ele era um rei: “Para isso nasci e para isso vim ao mundo”, foi sua resposta ao representante de Roma, quando a pergunta lhe foi feita. (João 18:37). E que rei! Ele teve três anos e meio para recrutar os serviços daqueles que estivessem dispostos a lutar por ele, mas não fez nenhum esforço para criar um exército. Jesus impediu até mesmo seu fiel servo, Pedro, de usar uma espada em sua defesa. Em vez disso, esse Rei dos reis estava morrendo voluntariamente por seus futuros súditos. Não é de se admirar que tal morte devesse ser comemorada! Eles coroaram esse rei do amor com espinhos. Cuspiram nele e zombaram dele. Fizeram-no carregar sua própria cruz e, finalmente, pregaram-no nela para morrer. Acima de sua cabeça, por instrução e de Pilatos, colocaram a inscrição: “Este é o rei dos judeus”. (Lucas 23:38). Pilatos queria que o mundo soubesse que este homem notável estava morrendo porque os judeus o odiavam e o haviam rejeitado como seu rei. Mas, do ponto de vista de Jesus, ele estava morrendo como o Salvador do mundo. Para ele, as circunstâncias que levaram à sua morte não eram importantes.

Enquanto ele estava pendurado na cruz, aqueles que estavam por perto gritavam: “Se você é o Filho de Deus, desça da cruz”. (Mateus 27:40). Era o mesmo desafio que Satanás havia lançado ao mestre mais de três anos antes. Ele se recusara então a fazer qualquer coisa para provar aos outros que era realmente o Filho de Deus, nem cedeu à tentação de fazer isso agora, enquanto estava pendurado na

cruz. Não havia mais razão para fazer isso do que permitir que Pedro usasse a espada para defendê-lo.

Os principais sacerdotes e escribas diziam entre si, zombando: “Ele salvou outros; a si mesmo não pode salvar.” (Mateus 27:41,42). Ah, como eles não percebiam que, ao recusar-se a salvar a si mesmo, o mestre estava proporcionando salvação para eles e para todas as famílias da Terra! Esta é a grande lição que todos os que ganham a vida eterna devem aprender. É por isso que Jesus quer que comecemos sua morte. É importante que sejamos assim lembrados da fonte de nossa salvação, a fim de que possamos permanecer humildes diante de Deus e perceber a medida completa de nossa necessidade — a necessidade que é suprida por meio de sua morte.

Para que Jesus assumisse totalmente o lugar do pecador, era essencial que o Pai Celestial retirasse Sua graça dele por um momento. Foi então que o mestre clamou: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Marcos 15:34). Mas quando ele finalmente morreu, foi com total confiança: “Nas tuas mãos entrego o meu espírito”, foram suas últimas palavras, e seu ministério terreno foi concluído — completado triunfalmente na morte. (Lucas 23:46). Como seguidores do Mestre e membros do corpo de Cristo, é nosso privilégio também nos sacrificarmos. (Romanos 12:1). E quando comemoramos sua morte, também reafirmamos nossa determinação de seguir fielmente seus passos.

Muitos, incluindo cristãos professos, não percebem que o sofrimento de Cristo continua nos sacrifícios

diários feitos por seus seguidores, pois eles são “plantados juntamente com ele na semelhança da sua morte” (Romanos 6:5). Mas essa tem sido a maneira como o plano de Deus tem funcionado durante a era evangélica.

Todos os anos, na data da Comemoração da morte de nosso Senhor, após o pôr do sol, muitos do povo do Senhor em todo o mundo se reunirão em suas respectivas localidades e recordarão novamente o maravilhoso dom do amor de Deus, Jesus, “o Cordeiro e e que foi morto desde a fundação do mundo”. (Apocalipse 13:8). Ao mesmo tempo, eles rededicarão suas próprias vidas para seguir mais fielmente os passos do redentor, regozijando-se no privilégio do sacrifício e do serviço, a fim de que possam viver e reinar com ele. Romanos 6:5,8; 8:17

A LIBERTAÇÃO DELES E A NOSSA

Não havia redes de rádio ou televisão para transmitir as notícias, nem jornais ou mídia eletrônica para destacar o trágico fato que estava ocorrendo naquela noite do dia 14 de Nisan, mais de um milênio e meio antes da Primeira Vinda de Cristo — aquela noite no Egito em que o primogênito de cada família egípcia morreu. Também não é provável que a divulgação de tais notícias tivesse qualquer valor, pois todas as famílias da terra estavam tão preocupadas com sua própria dor que é duvidoso que tivessem dado muita atenção à situação dos outros. O anjo da morte não fez acepção de pessoas, pois tanto o primogênito do Faraó quanto o do egípcio mais humilde da terra foram mortos naquela noite, há tantos séculos.

É uma história antiga, mas seu significado para o povo de Deus se torna mais vital a cada ano que passa. Não é tanto o fato de que os primogênitos do Egito morreram que nos preocupa, mas que os primogênitos de Israel foram salvos da mão destruidora que passou pela terra naquela noite fatídica. Para eles, foi uma noite de libertação — a libertação dos primogênitos da morte e a libertação de todo o Israel da escravidão egípcia no dia seguinte.

E assim, no décimo quarto dia de Nisan, como tem sido feito todos os anos desde então, o povo do Senhor em toda a terra relembra de uma maneira muito especial sua esperança de libertação como a antitípica “igreja dos primogênitos” e se alegra com a perspectiva da libertação do mundo da humanidade da escravidão do pecado e da morte, começando na manhã daquele glorioso dia do novo reino. Hebreus 12:23

O CORDEIRO PASCAL

Este é o pano de fundo do pensamento que ajuda a enfatizar o significado da Ceia de Comemoração do Senhor para aqueles que se regozijam na verdade presente. Todos nos lembramos da emocionante história de como os primogênitos de Israel foram salvos naquela noite original da Páscoa. Foi porque eles obedeceram às instruções de Deus, dadas a eles por meio de Moisés — instruções que exigiam o derramamento do sangue do cordeiro pascal. Cada família dos hebreus tinha que demonstrar sua fé no poder salvador daquele sangue, aplicando-o nas

ombreiras e nos batentes das portas de suas casas. Qualquer família que não fizesse isso sofreria junto com os egípcios.

Sabemos agora, é claro, que não havia nenhum poder salvador inerente ao sangue daquele cordeiro pascal típico, mas sim que o Senhor estava apenas fornecendo uma ilustração da provisão maravilhosa para a salvação por meio do dom de seu amado Filho. Com esse pensamento em mente, quão comoventes são as palavras de João Batista a respeito de Jesus: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (João 1:29). (João 1:29). A dor da morte começou a assolar a raça humana no Jardim do Éden, e a única maneira de remover essa praga era através do derramamento de sangue — não o sangue de um cordeiro, nem de touros e bodes, mas o precioso sangue de Jesus, aquele que se tornou o substituto perfeito pela vida perdida do pai Adão. Hebreus 9:11,12

A COMEMORAÇÃO DO NOSSO SENHOR

Por mais de três anos após João tê-lo identificado como o “Cordeiro de Deus”, Jesus trabalhou e serviu, dando a sua vida pelo povo. E agora havia chegado o momento em que o seu sacrifício seria consumado, quando ele seria morto como o verdadeiro Cordeiro da Páscoa, um sacrifício necessário para proporcionar a libertação tanto para a igreja quanto para o mundo. Assim, ele combinou de se encontrar com seus discípulos em um “cenáculo”, para compartilhar com eles, pela última vez, a festa anual da Páscoa (), que comemorava as circunstâncias

daquela noite original da Páscoa no Egito. Mateus 26:17-20

Terminado isso, Jesus pegou um pouco de pão e fruto da videira e instituiu uma nova ordenança — uma das duas únicas que são impostas aos seus seguidores, sendo a outra o batismo com água, mas ambas meramente simbólicas. Ele deu o pão aos seus discípulos e os convidou a comê-lo, explicando que representava seu corpo. Da mesma forma, o cálice, explicando que representava seu sangue, e que seu sangue seria derramado por eles. Mateus 26:26-28

Isso não tinha a intenção de ser uma nova forma da Páscoa. Para Jesus e seus seguidores, a comemoração anual da Páscoa chegou ao fim naquela noite. Era apenas um tipo, ou sombra, que apontava para Jesus e para o derramamento de seu sangue, e agora que ele havia vindo e estava prestes a ser morto pelos pecados do mundo, não havia sentido em continuar a cerimônia da Páscoa. O que Jesus ordenou aos seus discípulos tinha como objetivo comemorar sua morte e manter diante de seus seguidores o que isso significava para eles e a parte que teriam com ele como a “igreja dos primogênitos”.

Quando pensamos no sangue derramado de Jesus e no seu corpo quebrado, representados pelo “pão” e pelo “cálice”, isso nos ajuda a perceber o fato abençoado de que ele deu a sua vida por nós — que ele derramou a sua alma até a morte. Quão gratos devemos ser por isso! De fato, um pensamento que devemos nos esforçar para ter em mente na

comemoração anual da Ceia do Senhor, e sempre, é o de gratidão — gratidão pelo amor de Deus em dar seu Filho para morrer por nós, e gratidão pela fidelidade de Jesus em dar sua vida como nosso redentor.

A única maneira de mostrar nossa gratidão por qualquer presente é aceitá-lo e usá-lo; e isso devemos fazer com o presente de Deus. Devemos aceitar Jesus e usar o mérito de sua vida sacrificada conforme pretendido no plano divino. A aceitação plena de Jesus, representada pela participação nos emblemas da comemoração da Ceia do Senhor, implica a rendição completa de nossa vontade para fazer a vontade dele, a aceitação dele como nosso Cabeça. Então aprendemos que a vontade dele para nós é que entreguemos nossas vidas em sacrifício, como ele fez.

COMUNHÃO

Em consonância com esse pensamento, o apóstolo Paulo explica que nossa participação do pão e do cálice representa uma comunhão e participação comuns, uma comunhão, na obra sacrificial de Cristo. É um pensamento sério, mas que deve nos inspirar a grande diligência em servir ao Senhor, pois é com base nisso que teremos o privilégio de viver e reinar com ele. Romanos 8:17,18

Quando participarmos dos emblemas da comemoração da Memória este ano, tenhamos esses pensamentos em mente. Pensemos na grande libertação que isso representa para nós e para o mundo da humanidade, como prenunciado pela

experiência de Israel no Egito. Regozijemo-nos com a proteção que o sangue nos proporciona como membros da classe dos primogênitos e com a parte que teremos com Jesus na libertação de toda a humanidade do pecado e da morte naquele grande dia que se segue à noite da Páscoa - a era evangélica. Que perspectiva abençoada!

Ao pensarmos no sofrimento pelo qual Jesus passou para comprar essa libertação — a grande contradição dos pecadores que foi acumulada sobre ele, as zombarias, os açoites, a crueldade da cruz — que nossos corações respondam com uma determinação mais resoluta de sermos fiéis a ele, não importa o custo. É necessário fixar nossos rostos, como declaram as Escrituras, “como uma pedra”, para seguir seus passos de sacrifício e sofrimento até a morte, sabendo que o Senhor nos ajudará em todos os momentos de necessidade. Isaías 50:7

Todos nós devemos viver cada dia como se fosse o último. Se fizermos isso, nos esforçaremos, como os santos de Deus, para cumprir nossos votos de consagração, sacrificando a carne e e e seus interesses, colocando nossa afeição nas coisas do alto.

Que à Ceia de comemoração todos os anos nos encontre mais próximos do Senhor do que nunca e mais gratos por tudo o que o seu sangue significa para nós e ainda significará para toda a humanidade.